

The book cover features a light gray background with a subtle floral pattern. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides. A central white rectangular area is framed by a double black border.

Movimentos Anti- vacinação

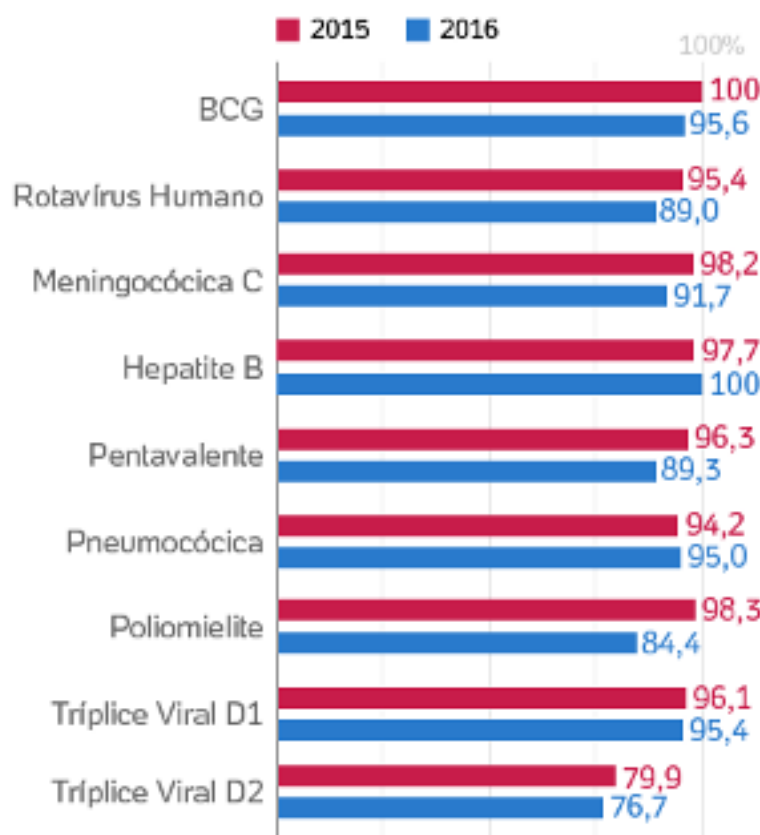
O quê é?

O movimento antivacina é uma ideia que cresce mundialmente, especialmente na Europa e América do Norte. Prova disso é o surto de sarampo que aconteceu na Itália, com mais de 4.000 casos, em agosto deste ano. A doença, que matava mais de 2 milhões de crianças por ano no mundo na década de 1990, foi erradicada no Brasil em 2001. Em 2016, recebemos o certificado da eliminação, assim como da rubéola, pela Opas (Organização Panamericana de Saúde). Por aqui, o movimento ainda é fraco, mas começa a ganhar adeptos.

Mesmo sem uma frente estabelecida de grupos que defendam essa corrente no Brasil, médicos e pesquisadores se preocupam, uma vez que houve baixa na cobertura de vacinação nacional. Para os especialistas, os motivos são diversos, mas eles ainda acreditam no discernimento e confiança do brasileiro no calendário de imunização. "Em 2016, pontualmente, tivemos uma diminuição, mas não podemos dizer que é uma tendência. Isso só pode ser afirmado após uma queda de três ou quatro anos consecutivos. Acredito que pode ter acontecido também por conta da crise econômica, que interfere no acesso das famílias aos postos de saúde em horários específicos, por exemplo", afirma Carla Domingues, coordenadora do Programa Nacional de Imunizações do Ministério da Saúde.

Mas a coordenadora acredita que a falta de preocupação com as doenças já eliminadas e controladas, como a poliomielite, erradicada do Brasil há 27 anos, seja a maior responsável pela menor procura.

Cobertura vacinal em crianças menores de um ano



Fonte: Ministério da Saúde

Arte/UOL

Mas a coordenadora acredita que a falta de preocupação com as doenças já eliminadas e controladas, como a poliomielite, erradicada do Brasil há 27 anos, seja a maior responsável pela menor procura. Segundo a especialista, após um longo período sem casos, até os profissionais da saúde que nunca viram um caso acham que não precisam recomendar tão veementemente aquela determinada imunização. "Desvalorizar a vacina e achar que não vai ter mais é o que causa surtos como o de sarampo -- entre 2013 e 2015-- em Pernambuco e no Ceará, que quase comprometeu a eliminação que existia há 15 anos". Nessa época, o primeiro caso veio importado e acabou em mais de mil. No total, foram atingidos 38 municípios.

Consequência do sucesso

Associada à falta de vivência da mortalidade que esses vírus causavam no passado, Renato Kfoury, presidente do Departamento Científico de Imunizações da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), lembra os efeitos colaterais leves, como dor local e febre. Afinal, por que vou submeter meu bebê a isso se não há casos há mais de uma década? "É típico do ser humano se preocupar e ir atrás de prevenção apenas diante da iminência do risco. Lembra-se das recentes filas para vacina da febre amarela? O brasileiro confia na vacina, mas vamos continuar enfrentando essa dificuldade, que é consequência do próprio sucesso das campanhas de vacinação", afirma. A virologista Marilda Siqueira, chefe do Laboratório de Vírus Respiratório e Sarampo da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz), afirma que inicialmente as pessoas que falam sobre não vacinar pensam apenas no próprio lar, na criança que não tomou, mas as consequências podem ser graves.

"Se isso se espalha, interfere na sociedade como um todo e, conseqüentemente, nos orçamentos de saúde, que não contam mais que precisarão lidar com essas doenças infecciosas controladas e/ou eliminadas. Seria um retrocesso imenso ver leitos de hospitais ocupados por casos de sarampo, quando o foco deve evoluir e estar na educação para a gravidez precoce, por exemplo." Carla lembra que o alto risco de contaminação do vírus fazia necessário enfermarias exclusivas nos hospitais para tratar casos de sarampo. "Vacinar é um ato de responsabilidade social e saúde pública. E o benefício se estende aos grupos da que não podem ser vacinados, como portadores de HIV e transplantados".

Por que ser contra a vacina?

O principal argumento dos que levantam bandeira contra as vacinas surgiu de uma pesquisa fraudulenta publicada pela revista científica "The Lancet", em 1998. O britânico Andrew Wakefield, à época, disse que a vacina tríplice (sarampo, caxumba e rubéola) desencadearia o autismo. O artigo foi desmascarado quando outros cientistas fizeram novos estudos para confirmar a correlação, o que nunca aconteceu. Wakefield perdeu o registro médico e a publicação foi tirada de circulação. Entretanto, grupos antivacina argumentam com o estudo até hoje.

Pamella é mãe de Sophie, 7, Victorie, 5, e Henzo, quatro meses. Nas duas primeiras experiências, a paranaense cumpriu o calendário estabelecido pelo Ministério da Saúde. Entretanto, na terceira gestação, ouviu relatos sobre reações da vacina rotavírus e foi pesquisar.

"Li, pesquisei e tomei conhecimento de que ela havia sido modificada. Por isso decidi não fazer no meu bebê. Assinei um termo de responsabilidade por isso. Minhas filhas não tiveram nenhum problema com ela, apenas uma diarreia, mas preferi não arriscar". Sobre as outras imunizações, ela diz que segue confiando e achando necessárias. De acordo com Kfoury, da SBP, associações temporais de qualquer ocorrência de saúde são muito comuns porque vacina só é aplicada em quem está saudável. "Especialmente no primeiro ano de vida, qualquer doença que o bebê tenha, os pais vão ligar à vacina. Mas, na maioria dos casos, não são eventos causais". Em fevereiro, a SBIm (Sociedade Brasileira Imunizações), junto com a SBP, fez um documento tranquilizando cuidadores a respeito da segurança da vacina do rotavírus, que ainda causa desconfiança.

Ativista pró-vacina há dez anos, Jaqueline Elias diz que o nascimento do filho, Caio, 8, fez o sentimento de zelar por uma criança ser ainda mais forte. "Para cuidar, é preciso um sentimento comunitário, que infelizmente não vejo mais. Quem viu ou ouviu entes queridos falarem sobre como as doenças, hoje 'preveníveis' por vacina, arrasavam milhares de vidas, entende o medo da volta delas". Assim como Jaqueline, Kfoury acredita que o grande desafio é a comunicação para motivar a população. "Da nossa parte, dos profissionais da saúde, mais do que nunca precisamos continuar recomendando de maneira enfática o cumprimento do calendário [de vacinação]".